

O samba como possibilidade descolonizadora da filosofia¹

Marcelo José Derzi Moraes²

Adriano Negriz³

Lalita Kraus⁴

No contexto branco europeu metafísico onde opera a filosofia, e se reproduz nos meios acadêmicos brasileiros, o samba em nada possuiria de estético, não representaria uma obra de arte e, muito menos, não teria nada para contribuir em termos éticos ou epistemológicos.

Em termos estéticos musicais, nada alcançaria o sublime produzido pela música clássica. Essa postura, além de etnocêntrica, é completamente carregada de pressupostos metafísicos não apenas em termos de hierarquia, que é assegurado por uma escala de valor, mas fundamentalmente em termos de um racismo colonial.

Basta, para isso, invocarmos aqui dois velhos autores da filosofia que são peças cruciais na modernidade: Immanuel Kant e G. W. Hegel. Kant, por exemplo, o filósofo da tolerância e da razão, acredita que para a cultura europeia não se contaminar, deve-se bater de pau nos negros.

os italianos e os franceses são aqueles que se distinguem pelo sentimento do belo; já os alemães, os ingleses e espanhóis, pelo sentimento de sublime. (...) Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. (...) não se encontrou um único sequer que apresentasse algo

¹ GT03: Descolonización epistémica desde el Sur indo-afro-latinoamericano.

² Professor de Filosofia da Educação – UERJ/FFP. Doutorando em Filosofia – PPGFIL-UERJ. Email: marcelojdmoraes@hotmail.com.

³ Doutorando em Filosofia – PPGFIL-UERJ.

⁴ Doutora em Planejamento Urbano – IPPUR-UFRJ.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão (...) Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas (KANT, 1993, p. 65-70).

Já Hegel, em todo o seu germanismo, está muito certo, tal como Kant, da pobreza de espírito do povo africano, de seu aspecto selvagem e bruto vai nos demonstrar o alto grau de seu racismo:

a principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência. (...) Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato inexistentes (HEGEL, 1999, pág. 83-86).

Portanto, são desses autores que nós iremos herdar, não apenas os conceitos políticos e epistemológicos, mas as grandes teses acerca da estética. Entretanto, o grande problema está nessa herança, que ainda insistimos em reproduzir e que demonstra, por sua vez, a força da colonização.

O samba sempre foi vítima de olhares superficiais e/ou etnocêntricos que o ligam a cultura de massa, a simples expressão cultural ou a falta de sofisticação, para não dizer as acusações de senso comum resumindo o samba a barulho. Essas com certezas não estão tão distantes das heranças hegelianas de que o povo negro africano não seria capaz de um pensamento complexo e abstrato, pois a mesma coisa, os filósofos modernos achavam de suas produções culturais. E isso ainda é tão marcante, pois muitas vezes se resume nas produções artísticas de comunidades indígenas e africanas enquanto artesanato ou apenas expressões culturais

O samba possui uma história de marginalização que não se dá apenas no campo teórico, mas também no campo social, o samba se produziu nas margens das cidades, em favelas e guetos, sendo por muitas vezes proibido. Passado esse período, o samba acabou sendo capturado pela lógica capitalista, se tornando um produto comercial ou pela ditadura da beleza, fazendo da mulher que está no meio do samba um objeto sexual.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

Deste modo, para mostrar que o samba está para além da expressão corporal e sensível de um grupo social, pretendemos demonstrar aqui, que o samba pode produzir novas racionalidades, pensamentos e novas éticas, como foi exposto no livro: *Sambo, logo penso* (2015). Em outras palavras, acreditamos que através do samba podemos produzir uma descolonização dos saberes e libertar o samba do seu olhar colonial.

Neste livro podemos encontrar diversas abordagens sobre o samba e os sambistas. Felipe Ribeiro Siqueira traz a tona a possibilidade de pensar o conceito de roubo na música de Zeca Pagodinho e, apresenta Bezerra da Sila como uma máquina de guerra no campo social. Já Marcelo de Mello Rangel traz a problemática do tempo na obra de Dona Ivone Lara. Além disso, o livro apresenta outras grandes questões que possibilitam uma outra compreensão do samba, ampliando o seu campo de atuação.

Partindo do lugar subalterno ocupado pelo samba e pelos sambistas, apresentamos algumas perspectivas do samba, que podem promover um deslocamento da hegemonia do pensamento ocidental predominante na filosofia. Porém, para que não haja equívocos, é interessante destacar, que do mesmo jeito que se propõe uma epistemologia do sul, das margens, acreditamos nas epistemologias dos fundos de quintais.

Pode ser que algum crítico ou alguém de má fé venha nos acusar de estar fazendo filosofia de botequim ou filosofia de fundo de quintal. E isso não seria um problema. Não se pode fazer filosofia do fundo de quintal? O que é um fundo de quintal? De fato é um lugar mais próximo da cozinha, tem sua proximidade com a senzala, esconde aquilo que não pode ser visto. O fundo de quintal é uma paragem marginal (MORAES, 2015, p. 141).

O samba foi proibido no passado, o que ocasionou numa desobediência civil por parte dos sambistas, para produzirem o que entendemos por filosofia do samba. Entretanto, percebemos que o samba também sofreu uma interdição ao não ser abordado epistemologicamente na filosofia. Nesse sentido, trazer o samba como produção de pensamento é uma outra forma de desobediência: uma desobediência epistêmica.

Em primeiro lugar, compreendemos que o samba, o sambar, a produção corporal de quem vive no samba, dança o samba, toca o samba, compõem a letra do samba, é produção de pensamento. Queremos evidenciar com isso que não se trata mais de ver o samba apenas como um lugar de expressão corporal que estaria submisso ao pensamento e as ideias, o que configura a paisagem metafísica da dicotomia alma e corpo, pensamento e corpo, teoria e prática. O samba promove um deslocamento dessa dicotomia e não opera segundo esses binômios, produzindo, portanto, um corpo-pensamento. Podemos perceber que não trata-se de uma inversão da lógica metafísica, mas pensar que o sambar é produção de pensamento. Daí, então, é que partimos para falar do samba.

A respeito do título do nosso livro, *sambo logo penso*, nossa pretensão não é produzir uma axiomática, uma sentença verdadeira e coerente, clara e distinta, assegurada pelo rigor lógico do princípio de identidade e de não contradição. Apesar da aparente formulação semântica se pretender a isso. Ora, sabemos que a contradição exprime a força de um desejo, é uma força propulsora. A estrutura seduz quando não mais se tem a força, nesse sentido, a expressão produzida como título desse livro, é uma expressão guiada pelas forças e pelos desejos. Deste modo, pretendemos um possível golpe na metafísica, na filosofia dita ocidental, um golpe na história e na tradição filosófica que sempre manteve o corpo, o desejo e a paixão num plano secundário e inferior (LOPES, NOGUEIRA, MORAES, 2015, p. 18).

Como não podemos trazer todos os sambistas, sambas e produções no meio samba, optamos por falar de uma pensadora do samba: Leci Brandão. Nela podemos encontrar pontos que acreditamos ser fundamentais para falar de filosofia e para pensar a sociedade e mostrar um outro lado do samba, a saber, aquela do produção de pensamento, de crítica, da mulher e da profundidade na interpretação do mundo.

Leci Brandão invoca o Brasil, ela não deixa de lado aqueles que são tidos e tratados como marginais, ou seja, não é possível pensar um país, uma democracia deixando de lado, excluindo alguns e só incluindo os que interessa para o bem e a organização do Estado. (...) Leci canta o vagabundo, o menino de rua, a presidiária, o homossexual, os deficientes, o negro e o outro - que não é aquele o mesmo que segue os padrões e os valores dominantes (...) passa a abrir uma possibilidade de uma nação por vir, visto que, sabemos as dificuldades da sociedade e do Estado em lidar com o radicalmente diferente, o totalmente outro.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

Deste modo, a proposta de Leci é mais ampla, mais abrangente e não se esquia da dificuldade da tentativa de realizar um processo democrático incluindo, abrindo para a hospitalidade de todos e todas (MORAES, 2015, p. 144).

A sambista Leci Brandão, faz filosofia ao compor e ao cantar. Diante de toda a obra de Leci brandão, gostaríamos de destacar o seu aspecto político, que carrega em si, não apenas uma leitura do tempo presente, mas um passado e uma possibilidade de um por vir. Em quase todas as suas músicas, Leci apresenta o lugar do subalterno, imprimindo além disso, formas e maneiras de resistência. Leci fala do menor abandonado, da presidiária, do negro, do índio, do professor, da situação econômica do país, de modos diferentes de ação política entre tantos outros temas. Podemos perceber, portanto, uma filosofia da ação em Leci Brandão, uma arte política, um filosofia estético-política.

Referências:

- HEGEL, G.W. Friedrich. *Filosofia da História*. Tradução: Maria Rodrigues; Hans Harden. Brasília: Editora da UnB, 1999.
- KANT, Immanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Tradução: Vinicius de Figueiredo. Campinas, Papirus, 1993.
- LOPES, NOGUEIRA, MORAES. Concentrando os tamborins. In. SILVA, Wallace Lopes (org). *Sambo, logo, penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba*. Rio de Janeiro: Hexis: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.
- MORAES, Marcelo. A força de Leci Brandão. In. SILVA, Wallace Lopes (org). *Sambo, logo, penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba*. Rio de Janeiro: Hexis: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.